O ESPETÁCULO ESPORTIVO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A BRASILIDADE: UMA ANÁLISE DA ABERTURA DOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 2007  - O “PAN DO BRASIL”.

ao assistir às Olimpíadas ou a outros eventos transformados em exibições cheias de emoção, é difícil acreditar que o Estado nacional esteja acabado (Mann, 2000, p. 314).

Resumo

Os autores analisaram as representações sobre a “brasilidade” que emergiram na abertura dos XV Jogos Pan-Americanos. Tomando como fonte a festa de abertura dos jogos televisionada pela Rede Globo de Televisão, observaram a cobertura daquele evento através de matérias dos jornais “O Globo” e “Jornal do Brasil” para entender como os símbolos identitários brasileiros, especialmente o samba e a capoeira, foram utilizados na abertura dos Jogos Pan-Americanos. Interpretados pela mídia como metonímias da identidade brasileira, a utilização do samba e da capoeira na festa de abertura do “Pan do Brasil” servia para reafirmar os valores da “nação mestiça” no mercado das nacionalidades.

Palavras Chave: XV Jogos Pan-Americanos; espetáculo esportivo; identidade brasileira.

INTRODUÇÃO

As nações comungam características físicas e mentais que são pensadas como peculiares de seu povo. A construção dessas representações hegemônicas[[1]](#footnote-1) se vale das lutas por territórios simbólicos que são elaborados pela seleção de certos traços de distinção em detrimento de outros. Tomando essa perspectiva e adotando o suporte teórico metodológico da perspectiva de estudiosos do nacionalismo (Anderson, 1983; Smith, 2000; Balakrishnan, 2000) que chamam atenção para o fato de que as nações são construídas[[2]](#footnote-2) ou inventadas[[3]](#footnote-3) revela-se importante analisar como os espetáculos esportivos têm desempenhado um importante papel para a construçãoda identidade e da imaginação nacional.

A espetacularização dos esportes na atualidade permite compreendê-los enquanto espaços privilegiados para a ebulição de dramatizações sobre a imaginação nacional. Nesse sentido, o esporte ilustra e acompanha o processo de construção simbólica e imaginária das nações. Dessa maneira, interessa-nos estudar o papel do amalgama “espetáculo esportivo - identidade nacional” enquanto uma arena pública que oferece um cenário simbólico privilegiado para formar e reforçar as identidades sócio-culturais de tipos nacionais (Fiengo, 2003).

Ao longo do Século XX, os esportes se tornaram espaços privilegiados para construção de metáforas e analogias sobre a qualidade ou o caráter dos povos das nações representadas em competições internacionais. A promoção de uma auto-identificação nacional e as crenças de diferenciação perante aos “outros” são facilitadas pela identificação imediata de uma dada coletividade, ora apresentada pelos clubes ou seleções nacionais. Adaptando esse conceito à construção da brasilidade, pensemos sobre o papel desempenhado pelo espetáculo esportivo para a interpretação da nacionalidade brasileira.

Na cidade do Rio de Janeiro, em Julho de 2007, ocorreram os XV Jogos Pan-Americanos. O “Pan do Brasil”, slogan pelo qual fora chamado, foi um dos poucos[[4]](#footnote-4) eventos esportivos de relevância internacional que foram sediados em solo brasileiro. Para além dos interesses particulares do esporte, o fato de uma cidade brasileira ter sido a anfitriã do maior evento esportivo das Américas fez circular muitas representações sobre o Brasil e os brasileiros. Diferentemente das outras edições onde fora convidado, a XV protagonizava a identidade brasileira diante das outras nacionalidades.

Nesse sentido, a abertura do “Pan do Brasil” oferece-nos uma excelente oportunidade para a compreensão da imaginaçãonacional. Entendendo-a enquanto um espaço de marcação da identidade brasileira “para dentro” e “para fora” analisamos os produtos simbólicos utilizados para representar o Brasil naquele espetáculo. Se os traços que distinguem a identidade de um Estado-nação residem nas formas homogeneizadoras pelas quais ele escolheu ser “imaginado”, o objetivo deste artigo é analisar as representações sobre a “brasilidade” que emergiram a partir da festa de abertura dos XV Jogos Pan-Americanos.

Fiengo (2003) ressalta a crescente mediatização e transnacionalização dos espetáculos esportivos: “los médios de comunicación crean uma densa red por la que circula los produtos culturales” (p. 263). Interpretar os eventos esportivos internacionais segundo os códigos culturais do presente permite-nos compreender a emissão ideológica das narrativas esportivas à luz dos dramas da construção das identidades nacionais. Logo, as festas de abertura dos grandes eventos esportivos configuram-se uma das possibilidades de observação das diferentes representações pelas quais as nações escolheram serem vistas, identificadas e imaginadas.

Compreender esse processo se mostra importante na medida em que nos próximos anos o Brasil vai sediar os dois principais megaeventos do calendário esportivo: a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016, no Rio de Janeiro. Como o Brasil vai optar por ser representado nesses eventos de proporções mundiais? Abre-se aqui uma possibilidade para estudos futuros. No presente, este artigo vai se ocupar em analisar como o Brasil optou por ser representando nos Jogos Pan-Americanos, principal competição esportiva da América.

Para tanto, recorremos às matérias jornalísticas que circularam no dia 14 de Julho, dia posterior à abertura dos Jogos. Nosso interesse foi (1) observar quais foram os recursos utilizados para espetacularizar a brasilidade na abertura do “Pan do Brasil” e (2) interpretar como a festa de abertura foi recebida pela imprensa local.

Estamos partindo do modelo codificação/decodificação proposto por Hall (2003), autor que através desse modelo inaugura uma nova maneira de fazer estudos tomando a mídia como foco de análise. Dentro de um quadro mais abrangente, esse modelo propõe que o consumo determina a produção e vice-versa[[5]](#footnote-5). Hall entende ainda que a produção de uma mensagem não é uma atividade tão transparente como parece. Ela é parte de uma estrutura complexa cujos significados não são fixos, mas sim determinados por uma produção cujo sentido ideológico está relacionado com conteúdo político[[6]](#footnote-6). Hall se vale do modelo saussariano em que a linguagem deve ser entendida como uma articulação da diferença. Logo, o interesse deve recair sobre as diferenças para entender o que as articula: “A linguagem é uma articulação de diferenças” (*idem*, p. 360). À luz do exposto, nosso intento será analisar a mensagem emitida pela abertura do “Pan’ 2007” a partir da qual o Brasil buscou articular sua “diferença” em relação às outras nações.

SOB O SÍMBOLO DA MESTIÇAGEM: A ESPETACULARIZAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA NA ABERTURA DO “PAN’2007

Historicamente os Jogos Pan-Americanos são disputados a cada 4 anos pelos países dos continentes americanos, sempre um ano antes dos Jogos Olímpicos, com a finalidade de integrar o desenvolvimento esportivo desses países. Trata-se de uma versão dos Jogos Olímpicos em que se incluem alguns esportes da cultura do país. Investigar o legado do Pan para a sociedade brasileira vai além dos recursos materiais registrados na contabilidade geral do evento. Passa por um inventário dos investimentos simbólicos utilizados para a mobilização de corpos, corações e mentes na direção dos XV jogos na cidade do Rio de Janeiro (Ferreira e Costa, 2008).

O dilema brasileiro e que em alguma medida também se refletia na escolha dos elementos que seriam utilizados na festa de abertura do “Pan do Brasil” seria: Quais recursos simbólicos deveriam ser utilizados para homogeneizar a identidade de uma nação de dimensões continentais e que traz consigo uma alta diversidade cultural na abertura daquele que é o maior evento esportivo da América?

Antes de passarmos para a interpretação dos significados da abertura do “Pan do Brasil” é necessário compreendermos que a competição “Jogos Pan-Americanos” possui um significado que remonta às demandas pelas quais foi idealizado. A *Revista de História da Biblioteca Nacional*, na edição de Julho de 2007, dedicou um dossiê aos jogos. Na capa desse número nos deparamos com parte dos objetivos pelos quais os jogos foram idealizados ao se ler “Jogos Pan-Americanos e o sonho da integração nacional”[[7]](#footnote-7).

Na primeira página do dossiê são apresentadas questões relativas à tocha que simboliza a vigência dos jogos e as representações que ela traz em si:

Campeões da América

Das pirâmides do deus Sol, no México, herança da cultura asteca, para a cidade maravilhosa, a tocha Pan-Americana chega ao Brasil trazendo sua mensagem de paz.

Inspirada na antiga tradição dos Jogos Olímpicos gregos foi fabricada em acrílico e metal, que representa a diversidade e a união entre as muitas nacionalidades, línguas e etnias. Por onde ela passa, ela desperta o interesse pelo esporte e faz lembrar um velho ideal: o da integração das Américas.

O fogo – símbolo da busca humana pelo conhecimento e do desejo de compartilhar – também está associado à mascote da competição: um sol sorridente Cauê, nome de origem tupi relacionado à lenda da mistura das raças[[8]](#footnote-8)

Esse trecho que traz questões caras à simbolização da tocha olímpica salienta que os Jogos Pan-Americanos surgiram a partir de um ideário de promover a integração, através do esporte, dos países da América, o Novo Mundo. É de praxe, em cada uma das edições, eleger um mascote que aglutine os significados daqueles jogos para tal país. Numa competição de objetiva celebrar a união das Américas, qual sentido assume a eleição pela nação brasileira um sol chamado Cauê, que simboliza a lenda da mistura das raças? Nossa hipótese é que o tema da “mestiçagem” vai delinear toda a abertura dos jogos do “Pan do Brasil”.

Ao analisar Cauê, Ferreira e Costa viram-no como

alegre, esportista e apreciador de todas as modalidades de Rio 2007. Respeitador da natureza. Um símbolo que tem a cara da ‘cidade maravilhosa’, conhecida em todo o mundo por sua alegria, calor e hospitalidade.

Representante dos ideais olímpicos compreende também todas as línguas das Américas. Além disso, pela primeira vez na história dos Jogos a mesma mascote integrou os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos num exemplo prático dos valores olímpicos de igualdade e não discriminação. O nome Cauê vem do Tupi, é um nome próprio, possivelmente derivado de auê, uma saudação que nesta língua indígena significa salve! (...)

Faz parte de uma lenda que evoca a mistura de raças e a colonização do Rio de Janeiro. Cauê seria filho de uma branca (a francesa Amanda) e do Cacique Ararê, alegre, esportista, bom anfitrião, amigo (Ferreira e Costa, 2008, p. 277).

O primeiro artigo do dossiê foi publicado por Fernando Vale Castro e aprofunda no tema da integração da América. Sob o título “o pan-americanismo em jogo” o autor aprofunda:

Maior evento esportivo das Américas, os Jogos do Pan expressam o imaginário americano de integração desde o século XIX.

“Sonho” de cooperação continental na América nasceu nos primeiros anos após as independências, com a iniciativa de Simón Bolívar (1783 – 1830) de convocar as novas nações para discutir as formas de colaboração. O primeiro encontro internacional ocorreu num congresso realizado no Panamá em 1826. Predominava, então, uma visão idealizada acerca da possível aproximação entre os países do Novo Mundo.

(...)

A Primeira Conferência Internacional Americana, que ocorreu entre os dias 2 de Outubro de 1889 e 19 de abril de 1890, marcou o início do pan-americanismo. (...)

O imaginário sobre a integração das Américas ultrapassou as fronteiras da política. Na esfera esportiva, essa busca por união teve início nas primeiras décadas do Século XX. Inspirados pelos Jogos Olímpicos da era moderna, iniciados na Grácia em 1896, foram organizados os Jogos Abertos da América Central – primeiro no México, em 1926, depois em Cuba, em 1930 (Castro, 2007, p. 18 – 20).

Toda identidade é construída a partir da escolha simbólica de determinados elementos. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos. Se uma sociedade é reconhecida pelas representações que ela faz de si (Ortiz, 2003), cabe aqui entender quais foram os traços distintivos selecionados pela cultura brasileira para se mostrar na abertura do Pan’ 2007.

Quais sentidos a festa assume “para dentro” e “para fora?” A partir dessa perspectiva analisamos a festa de abertura do “Pan do Brasil. Vejamos o conteúdo das matérias. Em letras garrafais, o Jornal do Brasil[[9]](#footnote-9) estampou em sua primeira página:

A maior de todas as festas:

O Rio é Pan: 75 mil espectadores viram o Maracanã transformar-se numa *galeria da alma brasileira.* Elza Soares reviveu Garrincha: paralisou o estádio com a interpretação do Hino Nacional. Era o prelúdio de um *show de raízes*. Em verde e amarelo a delegação foi festejada com a alegria de um gol. (...) dos batuques anunciavam a ópera amazônica à aquarela do Brasil, os Jogos Pan-Americanos foram abertos por um espetáculo impecável de danças luzes e sons. Melhor inspiração, os atletas não haveriam de ter (o itálico é nosso).

   Na mesma direção, O Globo[[10]](#footnote-10) estampou:

Fogo sagrado: a  festa de abertura do Jogos Pan-Americanos que o Rio apresentou para o mundo foi perfeito. O show de cores que *valorizou a cultura brasileira* (...)” (o itálico é nosso).

O RIO 2007 trouxe a “energia” como tema. O mote dos Jogos, “Viva essa Energia”, foi apresentado na cerimônia através da força vinda de três elementos: sol, águas e do ser humano num belo espetáculo de cores, luzes e sons que reunia diversas representações sobre o Brasil. Além de vários efeitos de iluminação a festa teve como destaque atletas, dançarinos e figurantes que abrilhantaram o evento. Cada país foi representado por globos giratórios com seus respectivos nomes escritos em português, inglês e espanhol dando destaque às três línguas mais faladas no continente americano.

Segundo Ferreira e Costa (2008) foram explicitadas no modo de produção de sentidos dos discursos marcas usadas como estratégias comunicativas persuasivas da direção da valorização do esporte, da imagem enaltecedora do estado, dos ideais do liberalismo e a temática da energia. Dentre as várias estratégias encontramos a música-tema, logomarca e mascote que viabilizaram torná-las espelho da alma coletiva brasileira, favorecendo o uso das emoções daqueles que foram tocados por essa cultura “Pan”. Ainda para as autoras a música-tema[[11]](#footnote-11) expressa o mito fundador da América que, pelas vias do imaginário, as tensões que produzem as contradições da realidade no continente, que nos permite mergulhar na cultura e descobrir que os universos de diferenças, que se constatam pelos diferentes povos.

Carlota Portella[[12]](#footnote-12), uma das responsáveis pelas coreografias da festa de abertura, optou por representar a identidade brasileira à luz desse cenário por meio de acrobacias circenses imiscuídas aos floreios do jogo de capoeira[[13]](#footnote-13). As coreografias homenageavam as belezas naturais e culturais do país. Em cena estavam elementos da natureza tropical e da pluralidade cultural brasileira. Relembremos que na ocasião da entrada das delegações, a “trilha sonora” da delegação brasileira foi o samba. Com efeito, *o samba* e *a capoeira* foram os *patrimônios* *culturais* elegidos para protagonizar a festa de abertura do “Pan do Brasil”. Isso foi o que pôde ser observado a partir da transmissão da Rede Globo de Televisão.

As afirmações sobre a identidade e a diferença dependem de uma cadeia oculta entre outras identidades. O “ser brasileiro” não significa apenas dizer que “não é argentino”, “não é norte-americano”, ou outras negações de nacionalidade. A identidade “ser brasileiro” não pode ser compreendida destituída de um processo de produção simbólica e discursiva construída sobre o “ser brasileiro” (Tadeu da Silva, 2001).

Neste sentido, a ênfase recai em analisar quais foram os traços simbólicos acionados sobre o “ser brasileiro” a partir da abertura do “Pan do Brasil”. A simbolização do Brasil através da capoeira11 e do samba explicam a eleição dos “produtos mestiços” como mediadores da identidade nacional. A construção da “brasilidade” ter-se-ia dado através de sucessivos tratamentos de diferença. Uma sociedade, ensina-nos Arruda (1998), é explicada pelas representações que faz de si mesma. Nesse sentido, *Made in Brazil* é sinônimo da reprodução de nossos exóticos produtos culturais mestiços (Schwarcz, 2001).

A análise da produção discursiva do “ser brasileiro” perpassa por uma compreensão do conteúdo simbólico e político da mestiçagem (Munanga, 2004). Vista sob esse prisma, a mestiçagem deixa de ser concebida como um fenômeno estritamente biológico e passa a ter seu conteúdo afetado pelas ideias que se fazem dos indivíduos que compõem essas populações e pelos comportamentos supostamente adotados por eles em função dessas ideias: “A noção de mestiçagem que é ao mesmo tempo científico e popular está saturada de ideologia” (Munanga, 2004).

Munanga (2004) lembra que, comparativamente aos países e nações mais antigos, o Brasil, assim como todos os países novos que nasceram do descobrimento e da colonização, deveria construir artificialmente sua nacionalidade. As relações raciais e a mestiçagem constituem a trama de toda a história da América Latina. Conceitos como “cultura”, “cor”, “classe” adquiriram uma grande importância a partir da década de 20. Com a rearticulação e afirmação do ideologema da mestiçagem e frente aos discursos edificantes de reconstituição do Estado-nação ou das respectivas culturas nacionais, o discurso culturalista da etnicidade encontrou solo fértil para seu florescimento na América Latina, especialmente na cultura brasileira.

Com base no ideologema da mestiçagem, a partir dos anos 20, surgiram novos modelos interpretativos da cultura e da identidade brasileira. No plano do discurso emergia uma cultura (racializada) capaz de eliminar o conflito entre os opostos, entre os tradicionais antagonismos, como região/nação, branco/não-branco, (neo)colônia/metrópole, cidade/ campo, civilização-barbárie. Foi a partir de então que o sociólogo Gilberto Freyre surgiu como um dos principais protagonistas daquele cenário nacional. Atribuindo um novo sentido ao tema da mestiçagem do Brasil, a grande contribuição de Freyre no clássico *Casa Grande & Senzala* (1933) foi mostrar que negros, índios e mestiços ofereceram contribuições positivas para a cultura brasileira.

A mestiçagem foi adotada, a partir de então, como parte de um projeto nacional de “reinvenção do Brasil”. Aquilo que outrora fora visto como empecilho ao progresso e motivo de vergonha, recebia, a partir daquele período, um sentido renovado, sendo visto como motivo de orgulho12 e de identidade (Skidmore, 1976; 1994). Afinal, como diziam as interpretações culturalistas de Gilberto Freyre, a mestiçagem seria um motivo para que os brasileiros pudessem se orgulhar de si mesmos (Freyre, 1933).

Tratando-a do ponto de vista cultural, Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira num triângulo cujos vértices seriam as contribuições das “raças” negra, branca e índia. Foi a partir delas que surgiram as misturas. As três raças trouxeram também as heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a outra mestiçagem no plano cultural. Da ideia dessa mistura, brotou lentamente o mito da “democracia racial”. Com isso, Freyre completou os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Democracia, neste aspecto, significa a coexistência da heterogeneidade com a harmonia.

Baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as raças formadoras, o mito da democracia racial penetrou na sociedade brasileira exaltando a ideia da convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos. A mestiçagem foi tomada assim como a “forma nova de diferenciação nacional” e o “mestiço” o “agente transformador” por excelência da cultura nacional. Assim a teoria freyreana toma a mestiçagem em *síntese* e o mulato em ícone da democracia racial e social. Tal democracia, “pela sedução moral e pela fascinação humanista de sua proposta, estabelece-se como ideal do qual até hoje o Brasil se orgulha” (Martínez-Ehazábal, 1996).

Associada aos mecanismos de construção republicana e de representação nacional, a mestiçagem seria a chave para integrar os dilemas nacionais a favor da construção de uma civilização nos trópicos. Orientada pela demanda de construção de um discurso distintivo sobre a nação, a categoria da “mestiçagem” foi investida capital simbólico para representar o Brasil. O mestiço transformou-se em símbolo da brasilidade, a partir do sincretismo de elementos culturais. O samba e a capoeira, além do candomblé e do futebol se transformariam, assim, em representantes do Brasil.

 “Desafricanizados” e simbolicamente clareados, esses elementos culturais passaram a atender, a partir dos anos 20-30, à demanda da construção da nacionalidade brasileira. Miscigenados, esses símbolos brasileiros dramatizam uma das marcas distintivas da identidade brasileira: a ilustração ideológica da propalada convivência pacífica entre os antagonismos da sociedade brasileira que se tornariam um modelo a ser copiado de paz interétnica. Esses produtos ilustrariam “democracia racial brasileira”, um dos mitos nacionais que privilegia o discurso assimilacionista de uma nação que soubera romper com o passado escravo e vislumbrar o futuro a partir do legado de seus grupos étnicos.

A mensagem desse “povo-novo” multiétnico era que o Brasil queria ser visto pelas representações da mestiçagem. No plano das ideologias nacionais, a mestiçagem representa a igualdade proporcionada pelo esquecimento das diferenças que hierarquizavam anteriormente e uma crítica à “pureza racial” que por muito tempo serviu de bastião para a escravização e/ou colonização dos povos. Para além da bipolarização hierarquizante “colonizador-colonizado”, o “mestiço” só é possível se os antagonismos ou as categorias que outrora foram pensadas como naturais ou puras forem suspensas. A eleição da “mestiçagem” atende a uma demanda do “Novo Mundo” de construir uma identidade que expressasse a civilização da Jovem República.

A proposta de leitura do mundo pelo “Novo Mundo” seria a da conciliação e da igualdade permitidos pelas interpretações ideológicas sobre os “produtos mestiços”. Decorrente da positividade como foi encarada as relações raciais na sociedade brasileira, a “democracia racial” expressava o *ethos* civilizado de uma nação que soubera superar, sem conflito, o preconceito racial. Alegorias do discurso ideológico da “democracia racial”, os “produtos culturais mestiços” dramatizam um dos traços distintivos da identidade brasileira perante as outras.

No plano simbólico, o samba e a capoeira representam o *ethos* da brasilidade, qual seja: o discurso ideológico da harmonia multirracial da “nação mestiça”. No plano simbólico, esses “produtos culturais mestiços” ilustravam a mensagem ideológica da demonstração de uma essência democrática do caráter nacional. Essa seria a contribuição da “nova” - porém “civilizada” - nação brasileira teria para oferecer ao mundo.

**Considerações Finais**

  Embora não tenham sido idealizados para essa finalidade podemos observar que os espetáculos esportivos têm dramatizado uma disputa abstrata pelas formas de imaginação das nacionalidades no mercado internacional através da participação das seleções/atletas nacionais nas competições internacionais, especialmente nos megaeventos esportivos.

O século XX testemunhou o desenvolvimento desses megaeventos - tanto em escala mundial – como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo – quanto regional, com disputas nos vários continentes. No plano regional – de acordo com Castro (2007) – é inegável que a principal competição das Américas são os Jogos Pan-Americanos. O autor ainda acrescenta que

todos esses espetáculos do esporte internacional se caracterizam como espaço de solidariedade e congraçamento entre os povos, momento de paz e exemplo de um mundo onde adversário não é inimigo e as batalhas entre países ocorrem sem derramamento de sangue. Nas Américas, Jogos estimulam a reflexão sobre as possibilidades de um continente unido, pacífico, próspero, com a construção de uma rede de solidariedade e cooperação por meio do esporte, uma das expressões do pan-americanismo (Castro, 2007, p. 21).

Como esse ideário do pan-americanismo esteve relacionado como “Pan do Brasil”? Chacon (2001) esclarece que uma cultura se descobre ao constituir-se. Nessa direção, para o autor o Brasil não foi propriamente descoberto, nem achado, nem qualquer outro nome que lhe dê, numa data rígida. O descobrimento do Brasil é a sua contínua construção. Foram etapas sucessivas de construção, antes e depois das datações de hoje. Acreditamos que a festa de abertura do “Pan do Brasil” cumpriu e que a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 cumprirão parte da demanda da construção da brasilidade.

Se do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação dos povos que se radicaram no Brasil é um fato consumado, no plano dos significados da cultura, “mestiçagem” e a “raça” são categorias (re)negociadas ao sabor de critérios ideológicos-políticos e das relações de poder impostas socialmente. A abertura do “Pan do Brasil” articulou temas da identidade brasileira radicando na memória nacional aqueles símbolos que traduziriam “a alma”, “as raízes”, enfim, a “cultura brasileira” se nos reportarmos às interpretações dos jornais locais.

Todavia, poder-se-ia perguntar: quais seriam os recursos simbólicos utilizados para a afirmação do “Pan do Brasil” senão o samba e a capoeira? O que estamos querendo marcar é que se os símbolos só têm coerência mediante seus significados, a eleição dos exóticos “produtos mestiços” selecionados para representar o Brasil naquele evento reforça a mensagem ideológica da “nação mestiça”. Na festa de abertura, aos olhos de cerca de 75 mil espectadores que estiveram presente no Maracanã e aos de outros milhares de telespectadores que assistiram-na pela televisão revelaram-se os símbolos identitários brasileiros: aqueles pelos quais o Brasil quer que seja protegido na sua *memória.*

Se as nações são construídas às custas de muitos esquecimentos e algumas lembranças, a abertura do “Pan do Brasil” rememorou aos brasileiros os produtos culturais do “Brasil mestiço”, bem como sua mensagem ideológica, reafirmando-a nos significados da cultura brasileira e diante das outras nações. Lembremos que na abertura do “Pan do Brasil” estiveram presentes outros povos americanos e que esse espetáculo esportivo foi televisionado não só para o Brasil, como para outros países.

Logo, aquele espetáculo esportivo servia para exibir os significados das fronteiras simbólicas da nacionalidade brasileira perante “as outras” a partir da abertura do maior evento esportivo da América. A exposição do samba e da capoeira – os produtos nacionais “mestiços” - no mercado internacional representaria a auto-imagem da harmonia multirracial e do *ethos* festivo do “ser brasileiro”. Alegorias do discurso ideológico da “democracia racial”, os “produtos culturais mestiços” dramatizam um dos traços distintivos da identidade brasileira perante as outras.

No plano simbólico, o samba e a capoeira representam o *ethos* da brasilidade, qual seja: o discurso ideológico da harmonia multirracial da “nação mestiça”. No plano identitário isso é o que caracterizaria o Brasil. Acionada aos olhos do mundo a partir dos grandes eventos esportivos, a veiculação do predicado “mestiço” ao Brasil reforça a auto-imagem e potencialidade desta nação no mercado das nacionalidades fazendo com que sua identidade seja preservada da suposta homogeneização cultural da Pós-modernidade.

The sportes show in constructing representations about “brazilhood: an analyses of the opening of the 2007 Pan American Games -– “Pan of Brazil”.

*Abstract: The authors analyzed the representations about “brazilhood” which emerged at the opening of the XVth Pan American Games. Taking as reference the opening party of the games, which was televised by Globo Television network and shown on national newspapers O Globo and Jornal do Brasil, the authors tried to understand how Brazilian identity symbols, specially samba and capoeira were used. Interpreted by the midia as metonymies of Brazilian identity, using samba and capoeira at the “Pan do Brasil” would help reaffirm the values of mixed nation” on the nationalities market.*

*Key-words: XV Pan american games; sports show; brazilian identity.*

El espetáculo deportivo en la construcción de representaciones de la “Brasilidad”: un análisis de la apertura de los Juegos Panamericanos de 2007 – “El Pan de Brasil”

*Resumen: Los autores analizan las representaciones sobre “brasilidad”, que surgió en la inauguración de los XV Juegos Panamericanos. Tomando como referencia la fiesta de inauguración de los juegos, que fue televisada por la red Globo de televisión y aparece en los periódicos nacionales O Globo y Jornal do Brasil, los autores trataron de entender cómo se utilizaranlos símbolos de identidad brasileña, especialmente la samba y la capoeira. Interpretados por la mídia como metonimias de la identidad brasileña, la samba y la capoeira en el “Pan do Brasil” ayudaría a reafirmar los valores de la “nación mestiza” en el mercado de las nacionalidades.*

*Palabras clave: XV Juegos panamericanos; espetaculo deportivo; la identidad brasileña.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, B. *Imagined comunities: reflections on the origins spread of nationalism.* Londres: verso, 1983.

ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: Arruda, A. (Org.) *Representando a alteridade.* Petrópolis: Vozes, 1998.

BALAKRISHNAN, G. A imaginação nacional. In: Balakrishnan (Org.). *Um mapa da questão nacional.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CHACON, V. *A construção da brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração*. Brasília: Paralelo 15 – São Paulo, Marco Zero, 2001.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais.* 2ª Edição. Bauru: EDUSC, 2002.

FERREIRA, N. T. COSTA, V. L. M. Legado político dos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: O Imaginário do Pan. In.: Da Costa L. M. P. et al. (Org.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

FIENGO, S. V. Gol-balización, identidades nacionales e fútbol. In: Alabarces, P. (Org.). *Futbologias: fútbol, identidad y violência em América Latina.* 1ª. Edição, Buenos Aires: Clacso, 2003.

FREIRE, G. *Casa Grande & Senzala.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1933.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais.* Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MANN, M. Estados nacionais na Europa e noutros continentes: diversificar, desenvolver, não morrer. In: Balakrishnan. G. (Org.). *Um mapa da questão nacional.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: Maio, M. C.; Santos, R. V. (Orgs.) *Raça, ciência e sociedade.*Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1996.

MUNANGA, K.*Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional.* São Paulo: Brasiliense, 2003.

SCHWARCZ, L. M. *Racismo no Brasil.* São Paulo: Publifolha, 2001.

SKIDMORE, T. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ *O Brasil visto de fora.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SMITH, A. D. O nacionalismo e os historiadores. In: Balakrishnan (Org.). *Um mapa da questão nacional.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

TADEU DA SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: Tadeu da Silva, T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tadeu da Silva, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.*Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.

1. Quando uma representação prevalece nas práticas sociais compartilhadas por membros de um grupo estruturado – uma nação, por exemplo – elas se tornam hegemônicas. Ver Arruda (1998). [↑](#footnote-ref-1)
2. “Todas as nações são comunidades imaginadas”: “todas as comunidades maiores do que as aldeias primitivas (...) são imaginadas. As comunidades devem ser distinguidas não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo como são imaginadas” (Balakrishnan, 2000, p. 215). [↑](#footnote-ref-2)
3. Benedict Anderson desenvolveu o conceito de Comunidade Imaginada. A identidade nacional não é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela. Sendo assim, e uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de uma mesma identidade nacional, devemos ter uma idéia partilhada sobre aquilo que a constitui: “a diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (Woodward, 2000, p. 24). [↑](#footnote-ref-3)
4. Lembremos que anteriormente o Brasil havia sediado a Copa do Mundo de 1950 e os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Isso forneceria aquilo que Hall chama de articulação, isto é, “um entendimento do circuito do capital como uma articulação de momentos de realização com momentos de produção” (p. 356). [↑](#footnote-ref-5)
6. “O significado da mensagem tem a ver com a maneira como se pensa questões políticas” (Hall, 2003, p. 355) [↑](#footnote-ref-6)
7. Ano 2, nº 22, Julho de 2007. [↑](#footnote-ref-7)
8. Ano 2, nº 22, Julho de 2007, p. 17. [↑](#footnote-ref-8)
9. 14 de Julho, esportes, p. 1. [↑](#footnote-ref-9)
10. 14 de Julho de 2007, Esportes, p. 1. [↑](#footnote-ref-10)
11. Viva essa energia – Música tema do Pan, de autoria de Arnaldo Antunes: “No dia em que o céu beijou o mar/ fazendo a cama pro sol deitar/ a noite veio cobrindo devagar/ com o manto de luar/ ali foi gerado o novo dia/ trazendo pra terra a energia/ dando vida nova ao novo mundo/ ao som do mar e à luz do céu profundo”. [↑](#footnote-ref-11)
12. Carlota Portella é uma premiada coreógrafa carioca. Possui formação em balé clássico a partir dos seis anos de idade, no Rio de Janeiro. Freqüentou por um ano a Académie Internationale de Dance (em Paris). De volta ao Brasil, continuou sua formação em balé clássico e jazz na Escola de Ballet Dalal Achcar. Em 1976, ganhou bolsa da Unesco para o Curso de Animação e Administração Cultural de Ballet, na Ópera de Paris. Também freqüentou o Mudra (escola de Béjart), a Academia London Dance Centre e a Escola Rosella Hightower (Cannes). Em 1981 formou sua Companhia profissional, o Vacilou Dançou, no espetáculo de estréia com o mesmo nome, e abriu sua própria escola, o Jazz Carlota Portella. Em 1986 recebeu o Prêmio Momento Jovem, pelo trabalho à frente da Companhia Carlota Portella – Vacilou Dançou. Em 1987, recebeu moção inserida nos Anais da Câmara Municipal do Rio de Janeiro por “relevantes serviços prestados à arte da Dança”. <http://www.rio.rj.gov.br/rioarte/site/danca_subvencao>. [↑](#footnote-ref-12)
13. http://www.globo.com, acessado em 14 de novembro de 2007. [↑](#footnote-ref-13)